

## OLHARES DOCENTES

### Literatura Indígena na sala de aula<sup>1</sup>

Pedro Afonso Barth  
Doutor em Letras e docente da UTFPR



Escritor Daniel Munduruku. Foto: Reprodução.

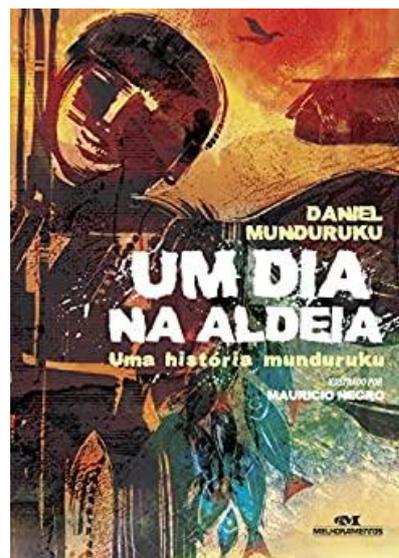
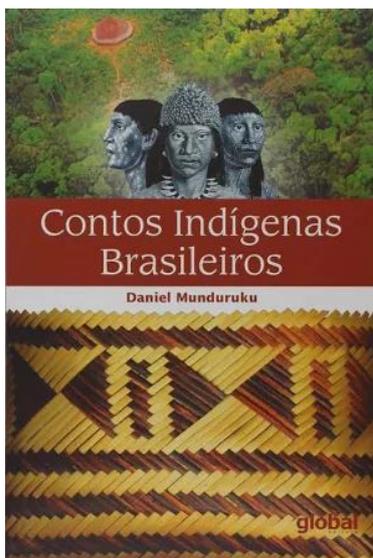
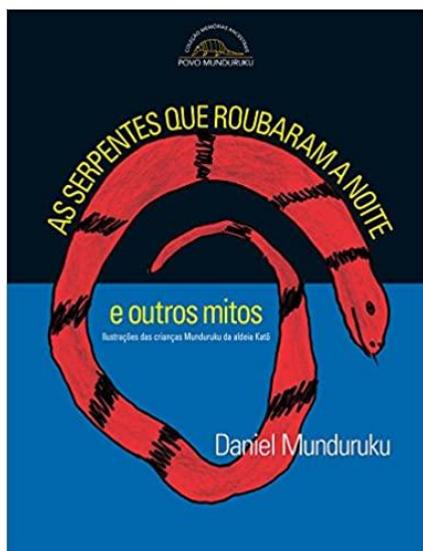
Um dos grandes aprendizados do módulo é a importância de valorizar as tradições e a cultura indígena, porém não da forma coletivizante que estamos acostumados e sim observando e valorizando as diferentes etnias e percebendo os diferentes povos e denominações. Além de assim criarmos condições para que nossos alunos tenham uma visão crítica sobre o processo sócio-histórico que culminou no massacre e marginalização dos povos indígenas, também criamos uma visão crítica sobre as recorrentes visões de índio como um povo único. O processo de colonização do nosso país nunca valorizou a diversidade indígena, pelo contrário, sob um termo agregador – índio – todo indígena era considerado como sendo do mesmo povo. Sem um olhar de respeito para as diferentes culturas, idiomas e tradições. E infelizmente esse processo continua mesmo na contemporaneidade, como reflexo da colonização e exploração dos povos indígenas. Uma das responsabilidades de docentes e escolas no século XXI é desconstruir essas sedimentações coloniais ainda presentes na nossa sociedade, para assim permitir que as novas gerações tenham uma postura de respeito

e valorização para os muitos povos indígenas.

Uma das formas de conhecer e de incentivar a valorização dos povos indígenas na escola é trabalhar com obras literárias escritas por autores indígenas.

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito do curso **Olhares sobre a arte, cultura e resistência da etnia munduruku a partir de suas produções literárias** promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

Segundo Thiél (2013), a leitura de obras literárias indígenas por crianças e jovens pode promover a formação de leitores competentes, multiculturais e multiletrados. Isso significa, permitimos que os jovens leitores tenham uma visão mais global sobre as diferentes culturas que compõe o nosso país. Uma delas é a etnia Munduruku, presente no Norte e Centro-oeste do país.

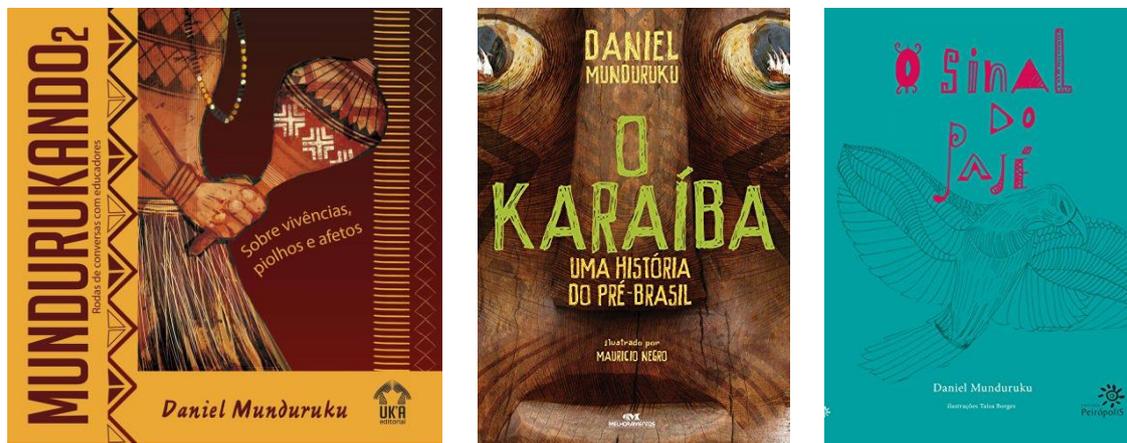


Uma das barreiras para que a literatura indígena esteja na escola é o desconhecimento em relação aos autores e a falta de incentivo para a circulação de suas obras. Por isso, é importante valorizar, estudar e divulgar autores indígenas, pois através disso a divulgação e propagação de suas obras torna-se possível.

O artigo de Thiél (2013), *A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural*, apresenta várias razões que contribuem para o desconhecimento da literatura indígena brasileira nas escolas, a principal delas é a escassa circulação das obras. É importante considerar que não se trata de falta de autores. Eles existem, escrevem obras e sua voz precisa ecoar. Um desses importantes autores é Daniel Munduruku, autor indígena da etnia Munduruku, que por meio da sua obra vem contando mitos e forma de ver o mundo por meio da sua cultura, além de divulgar outros escritores indígenas.

Uma questão emergencial que se desenha com clareza é a importância de fazer autores como Daniel Munduruku mais conhecidos e presentes nas escolas Brasileiras. Hoje a presença é muito escassa. Muitas vezes, índio é apenas lembrado em datas como o 19 de abril e de forma pouco atual e crítica. Por isso, a importância de problematizar o termo índio e todo o preconceito e leitura de mundo que está atrelado a ele. Índio é um termo agregador que tem em si apresenta um viés diminuidor e apresenta uma visão do colonizador. É preciso desconstruir isso. E a melhor forma é aproximar nossos alunos da cultura indígena, de pelo menos uma das etnias, para assim, o olhar ser amplificado e

possa haver uma percepção de que as vivências e tradições indígenas são múltiplas, assim como os povos e etnias.



O que acontece é que muitas vezes autores como Daniel Munduruku não são lidos pela escola. Nesse sentido, Santos (2018) propõe que professores de literatura revejam a forma que são trabalhados os textos de temática indianista, de tal forma que as narrativas criadas por vozes indígenas sejam valorizadas. Por isso, é relevante e importante o estudo crítico dessas obras, pois isso permite um diálogo e inclusive uma inclusão do cânone.

Justamente será o estudo das obras indígenas que permitirá artigos como o de Figueiredo (2018), que no texto *Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia*, analisa as representações que ecoam nos textos dos dois autores, especialmente a questão identitária na literatura indígena contemporânea. Em suma, uma nova tradição literária está começando e frutificando em nosso país, e ela precisa ser reconhecida, estudada e presente na escola. E isso será só possível com as obras indígenas circulando, sendo lidas, apreciadas, sendo alvo de debates, conversas, círculos de leitura.

### Referências Bibliográficas:

FIGUEIREDO, Eurídice. Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 53, p. 291-304, 2018.

SANTOS, Eloína Prati. A autoinclusão da literatura indígena contemporânea no cânone brasileiro: uma herança cultural a ser reconhecida. **Literatura em Debate**, v. 12, n. 22, p. 107-121, 2018.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, 2013.